

JORNAL DE VÁLEGA

Válega, 23 de Maio de 2004 - Ano XVII - Nº 342 - Preço € 0,40

QUINZENÁRIO

Director: AMÉRICO MATOS

RESUMO

DESTAQUE

**MÁRTIRES
DO CORTE
DAS
VIDEIRAS
70 ANOS
DEPOIS**

Página 3

**NUNO
VALENTE
SAGROU-SE
CAMPEÃO
NACIONAL DE
MARCHA**

Página 7

**CORRIDA DE
PATINS
MAIS UM
TÍTULO**

Página 7

**TERESA
SOBRAL
EXPÓS EM
MACEDA**

Página 3

CONVÍVIO DO GAC

O Grupo de Acção Cultural de Válega (GAC) vai levar a efeito, no próximo dia 05 de Junho, o seu habitual Convívio anual.

Terá lugar mais uma vez no parque de merendas da Senhora de Entráguas e pretende reunir associadas, amigos e participantes nas iniciativas do GAC, assinantes, colaboradores e anunciantes do JORNAL DE VÁLEGA, para além dos respectivos familiares.

Será servido churrascão de porco. As inscrições podem ser adquiridas junto dos elementos da Direcção. Bom apetite!

ENTREVISTA A GLÓRIA DE SANT'ANNA



PELA PROMOÇÃO DE VÁLEGA E DA REGIÃO VAREIRA

DESTAQUE

SUSANA AMARAL

ENTREVISTA A GLÓRIA DE SANT'ANNA

"Portugal é a minha terra de origem, mas Moçambique é a terra das vivências"

Jornal de Válega (JV): Como aconteceu vir para Válega?

Glória de Sant'Anna (GS): Pelo casamento. O meu marido era de Válega. Eu sou natural de Lisboa e a minha família é mais do Sul, ele era de Válega e esta casa era dos avós dele. Depois de casarmos ainda estivemos a viver em Ovar, em casa dos meus sogros e só depois do meu marido acabar o curso é que fomos viver para Moçambique.

JV: E como explica essa paixão por África, em especial por Moçambique?

GS: África tem uma qualidade que eu não sei explicar... Quem vive muitos anos em África, em Moçambique... É preciso ter uma vivência muito intensa de um país para poder sentir assim. Eu não posso falar em Moçambique, sabe? É a atracção... Eu passei lá os melhores anos da minha vida. Foi lá que os meus filhos nasceram...

Naturalmente que Portugal é a minha terra de origem, mas Moçambique é a minha terra das vivências boas... de amor, partilha, sentido de justiça...

JV: O que fazia em Moçambique?

GS: O meu trabalho foi de leccionação de Português/Inglês e ocasionalmente de História. Mas trabalhei também 16 anos na rádio, numa emissão de Cabo Delgado, Pemba. Foi por brincadeira que concorri e fui admitida. E gostava muito da rádio. De resto, fazia conferências, trocava correspondência com pessoas de outros países, em especial escritores, escrevia para jornais de Moçambique e Portugal.

Há pessoas que pensam que quem lá estava não fazia nada. Mas não era assim. Eu fazia muita coisa... e era bom! Leccionava no liceu e na escola técnica, era mãe, tinha a casa, a rádio, os jornais, às vezes fazíamos algumas recepções, lanches para os amigos dos meus filhos...

É verdade que íamos à praia, mas era ao Domingo, porque não sobrava tempo nos outros dias.

As pessoas lá trabalhavam muito, e bem! Consideravam-se na sua terra, no aspecto de pugnar para que as coisas melhorassem e para que houvesse um certo equilíbrio na justiça.

JV: E que memórias guarda dessa altura?

GS: O contacto com os alunos e com as pessoas em geral. O meu marido era arquitecto e contactava com muita gente...

O dia-a-dia, a partilha. Havia uma partilha muito grande com os alunos. Eu penso desta forma: o professor não está sentado na secretária só para debitar conhecimentos. Tem também de fazer um intercâmbio com os alunos porque aprende muita coisa desta forma. E naquele caso ainda mais, porque havia alunos de várias raças. Pretos, sem ofensa para quem ache que "preto" é um insulto, brancos, chineses,

indianos. Depois havia também os cristãos, muçulmanos, indianos que tinham outra profissão religiosa... Mas não havia problemas. O meu método era dizer-lhes desde início que admitia erros nos temas da matéria mas não admitia falta de respeito porque ali dentro éramos todos iguais, não havia diferenças.

JV: As coisas nunca se complicaram?

GS: Em Pemba não. Quando estive mais para o Sul a dar aulas havia um racismo mesmo muito notório e chegaram a tentar criar descatos nas aulas. Mas não permiti que isso acontecesse. Rapidamente perceberam que não sou racista nem permitia que tivessem essas atitudes nas minhas aulas.

E eu nunca marquei uma falta em vermelho, porque os assuntos resolviam-se na hora.

JV: A Rádio é mais uma forma de comunicação...

GS: E de partilha! Estava eu, a música... o contacto com os ouvintes... era muito bom.

JV: Como sentiu a colonização de Moçambique?

GS: Havia o bom e o mau. Havia pessoas que tratavam os naturais com sobrançeria. Era a própria palavra "patrão" que criava uma situação desagradável. Tudo estava, nessa altura, submetido ao sistema daqui. As colónias eram, e vou usar uma expressão um pouco dura, uma espécie de quintais de onde vinham os produtos... mas isso é até uma questão histórica!

Quanto à colonização havia bom, havia mau, havia o justo, o injusto...

A descolonização é que foi pior!

JV: Porque...

GS: Foi muito mal feita. E eu apanhei essa época de transição. Sentiam-se muitas preocupações. Notou-se muito. Chamavam-lhe a "descolonização exemplar" mas não foi nada exemplar, pelo menos quanto ao que eu conheço.

Os nativos lutaram pela independência tal como os lusitanos sempre pugnaram também pela independência, e fizeram bem.

Mas os portugueses também deixaram muito boas obras. Cidades boas, escolas boas...

Bem... a guerra colonial foi má, mas a guerra civil foi pior. Algumas pessoas fugiram com medo, outras foram expulsas, até mesmo os nativos...

JV: Sentiu-se de alguma forma injustiçada/prejudicada?

GS: Tivemos algumas perseguições do sistema. O meu marido era essencialmente democrata e tinha ideias diferentes, mas as pessoas já sabiam quem ele era.

Houve algum tipo de obstruções, certas atitudes, principalmente ao nível dos

empreendimentos do meu marido, mas tínhamos de ultrapassar e continuar a trabalhar.

Eu nunca tive muita ligação com a política. O meu pai era militar e connosco nunca falou de política. Procurei sempre ser independente e com uma determinada linha de pensamento: justiça, compreensão dos outros e partilha do que é bom...

Só comecei a perceber melhor como funcionavam as coisas, em Moçambique porque as injustiças eram mais flagrantes. Lembro-me que os filhos que lá nasciam eram chamados de "brancos de segunda" e eu nesse aspecto era muito impulsiva e não gostava de deixar as coisas por esclarecer.

Na educação eu tinha de me sujeitar àquele padrão que chegava de Portugal. Mas às vezes fazia como achava melhor e depois falava com o responsável.

JV: Criou-se um fosso entre Portugal e as ex-colónias africanas?

GS: Não... muitos jovens vêm de lá para estudar em Coimbra, em Aveiro... Portugal continua a ter uma certa ligação e amizade com Moçambique e possivelmente com Angola. Há um certo sentimento de... fraternidade. Sim... é fraternidade que existe entre Portugal e Moçambique...

Pelo menos é isso que eu sinto...

JV: Estivemos a falar praticamente da Glória de Sant'Anna professora. E a Glória de Sant'Anna poeta?

GS: Eu sempre escrevi. Desde pequena. O primeiro livro que publiquei, "Distância", foi cá em Portugal, antes de ir para África. Hoje faço uns rascunhos em cima de uma tábua, nos joelhos, e depois passo para a máquina. Antes escrevia directamente numa máquina. Escrevi quilómetros e quilómetros de coisas... Principalmente à noite, quando vivia no mato. Era uma maravilha viver no mato, em Moçambique. Quando os meus filhos e o meu marido estavam já recolhidos eu escrevia. A noite dava-me uma sensação de intimidade. As coisas eram vistas de forma diferente... o silêncio... aquele silêncio que agora já não ouço aqui...

JV: É correcta a associação da tristeza à poesia?

GS: Não. As pessoas têm a tendência de pensar que só se escreve quando se está triste. Mas não. Eu escrevo sobre a vida. Escrevo sobre o contacto que tenho com as pessoas, sobre a partilha. Não são só temas relacionados com África! Explicitamente é verdade que nos meus poemas se denota, por trás das palavras, o ambiente moçambicano.

É curioso que alguém me disse, depois de ter ido a África, que passou a perceber, por causa daquelas cores intensas e daquela baía, porque é que eu escrevia tanto. Mas eu não escrevo por causa da baía. Escrevo porque estou em contacto com as pessoas. A paisagem influencia, mas o que me interessa são as pessoas.

Glória de Sant'Anna, que comemora 80 anos no dia 26, é a voz lírica que trouxe até Portugal histórias de Moçambique, ocultas nas entrelinhas dos seus poemas e descobertas na silêncio do seu olhar.

Poeta, professora, mãe e mulher, Glória de Sant'Anna contou ao Jornal de Válega o percurso que a sua vida levou, acompanhada do grande homem e arquitecto que foi o seu marido, Andrade Paes, e dos seus seis filhos de origem moçambicana.

O acaso levou-a até à terra onde diz ter passado os melhores e mais intensos anos da sua vida... e o destino trouxe-a até Válega, a terra de onde é natural o marido e onde reside há mais de 15 anos.

Hoje descreve a sua vida como "monótona", ao contrastá-la com os momentos intensos e de partilha que viveu durante trinta anos em Pemba, antiga Porto Amélia. Ao falar de Moçambique os olhos enchem-se de água e a voz fica trémula porque é lá que tem "as melhores recordações".

Glória de Sant'Anna deixou Moçambique um ano antes da independência e admite que "actualmente não voltaria lá" porque Moçambique sem o seu marido "não faria sentido".

"Partilha" foi a palavra que mais ouvimos ao longo do seu discurso. Partilha é o ponto de partida desta história. E é a partilhar com os vaveguenses que Glória de Sant'Anna nos conta as suas vivências.

DESTAQUE

SUSANA AMARAL

ENTREVISTA A GLÓRIA DE SANT'ANNA

Novo livro de Glória de Sant'Anna será publicado em breve



JV: Onde sente que o seu trabalho foi mais reconhecido?

GS: Talvez lá... talvez lá. Ou pelo menos continua a ser reconhecido.

JV: Considera-se poetisa moçambicana?

GS: Alguns autores incluíram-me nos seus livros como escritora moçambicana. Por exemplo o "Pescador Velho", da Sophia de Mello Breyner, que me incluiu como escritora moçambicana. Mas é uma grande celeuma... que apesar de tudo tem vindo a diminuir, mas é complicado.

JV: Podemos contar com algum livro seu para breve?

GS: Sim. Em breve publicarei mais um livro. Uma edição de autor, porque aqui é complicado trabalhar com as editoras. Aliás, dos livros que publiquei em Portugal, julgo que apenas dois foram através de editores.

JV: Como foi voltar para Portugal?

GS: Quando viemos, em 1974, foi com a ideia de voltar a Moçambique. Mas aconteceram alguns problemas familiares e acabei por ficar. O meu amido voltou, para trabalhar, e esses foram anos difíceis. Custou muito. Ao fim de dois anos, quando regressou a Portugal, fomos trabalhar para o Algarve. E aí também foi um tempo agradável, com contacto com as pessoas. De vez em quando vínhamos a Ovar e a Válega... Foi uma época interessante. Houve uma altura em que recebi um convite para ir a Moçambique por causa do lançamento de um livro meu. Mas estava doente e não pude ir. Quando os amigos telefonavam eu explicava que o meu coração não estava bom. O Fernando Couto, pai do Mia Couto, dizia: "tanto amou Moçambique que agora está assim!"

Mas o livro foi lançado em Moçambique estiveram lá muitos amigos... o Fernando Couto, o Malangatana, e muitos outros.

JV: Depois Válega.

GS: Depois tive de me mentalizar que estávamos cá para ficar. Viemos para Válega. Quando viemos morar para aqui eu gostei muito. Era uma aldeia muito sossegada e o silêncio fazia-me lembrar um bocado o silêncio do mato.

Mas eu gostava mais desta terra quando era aldeia. O estatuto de vila traz as suas vantagens... mas era tão bom quando era aldeia. Lembro-me que uma vez um filho meu estava cá e eu chamei-o porque estava a passar um carro de bois e eu disse-lhe: "anda ver o último carro de bois verdadeiro!"

Aquele chiado...

É claro que as coisas têm de progredir. Mas é preciso saber como devem progredir.

JV: O que fez em Válega?

GS: Esta casa tem muitas árvores de fruta, pelo que vendi fruta. Depois tive de deixar de

vender fruta porque precisava de autorização. Então criei cães da raça Pastor Alemão. E também dei explicações.

O meu marido abriu uma empresa em São João da Madeira.

Depois foi a parte mais triste... o meu marido adoeceu... foi uma parte muito intensa, mas de dor...

JV: A sua vida cá em Portugal, como a descreve?

GS: Monótona... mas o que hei-de fazer... Já não posso enfrentar recepções nem nada disso! A última vez que estive mais exposta foi no lançamento do "Pelicano Velho", na Biblioteca Municipal de Ovar.

JV: Voltaria a Moçambique?

GS: Não. Para voltar a Moçambique tinha de ter o meu marido. Não! Nunca... eu entrava e ficava ali sozinha... Falta-me uma asa. Eu e ele éramos uma dupla. E voltar sem ele não faz sentido.

JV: Mas Moçambique é Moçambique...

GS: Continuo a gostar de Moçambique. E tenho imensa pena pelas dificuldades que estão a atravessar. Os meus filhos têm ido a Moçambique e é um contentamento mas também é uma grande comoção voltar aos sítios onde estivemos... Até viram a casa onde vivemos e a pessoa que está na casa ofereceu-se para que quando algum familiar lá fosse ficasse lá. Essa casa foi arquitectada, desenhada e mandada construir pelo meu marido.

Mas as coisas estão diferentes, agora até tem portões, porque há muita insegurança. Antes não era preciso. Tínhamos duas entradas no jardim e o meu marido nunca pôs ali portões.

JV: Uma palavra para descrever quase oitenta anos de vida.

GS: Uma vida intensa... e que valeu a pena.

JV: O que é preciso para ser uma grande poetisa, como a Glória de Sant'Anna?

GS: Eu escrevo. Não sou uma grande poetisa. Mas é preciso sentir... sentir a vida, sentir ou outros, compreender os outros, partilhar.... Viver com intensidade, acreditando que as coisas vão melhorar. É preciso ter a nossa vida, aquela que é só nossa. Encontrar em nós aquele local onde somos nós próprios. Uma espécie de momento secreto em que comunicamos não sabemos bem com quem, mas que é alguém que nos ajuda e protege. Eu acredito no anjo da guarda que é a minha avó. Acredito nisso. Sei que está lá. É preciso ter fé no futuro, nisto tudo que é o desconhecido. No desconhecido há sempre quem nos vigie. Esta casa está cheia de mortes, de pessoas que faleceram aqui, mas eu sinto-me acompanhada por eles...

"E isto não lhe diz nem um terço da minha vida..." - terminou Glória de Sant'Anna.